

Apoio da Fiesp não é bem-vindo

MANAUS — Ao repetir ontem que, se eleito, pretende governar “acima de partidos e ideologias”, rumo ao parlamentarismo, o candidato do PRN à sucessão presidencial, Fernando Collor de Mello, garantiu que não quer nem aceitar o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). “Eu já disse isto ao Mário Amato”, avisou.

Collor acha que o próximo presidente terá a “última chance” de realizar a unidade nacional para tirar o País da crise. E, para isso, não pode ser “tutelado” por partidos ou setores econômicos. “Os empresários sempre olham os políticos como se fossem mendigos pedindo di-

nheiro para campanha em troca da defesa e seus interesses. Esse tipo de apoio eu não aceito”, acrescentou.

O candidato do PRN fez estas declarações na luxuosa casa do empresário Humberto Cauderaro, dono de jornal em Manaus. Um repórter observou que ele sempre foi visto como candidato do empresário Roberto Marinho, presidente da Rede Globo, e conhecido como “tutelador de políticos”. Collor reagiu: “Eu não. O candidato do dr. Roberto é o Jânio Quadros. Mas gostaria de ser o candidato do Marinho, do Adolfo Bloch, do João Saad e do Sílvio Santos, para ter espaço na TV e defender uma unidade nacional”.

Collor reconheceu que, com seu pequeno PRN, não terá a mínima chance de governar, caso seja eleito e o Congresso não se disponha a ajudá-lo. “Esta é uma tarefa tão complicada que não poderá ser realizada por grupos ou setores da sociedade. Acho que o Congresso, porém, será suscetível a este tipo de chamamento.”

A esta altura, o candidato aproveitou a deixa para reprovar os atuais deputados: “Estas pessoas, que estão me criticando, lutaram para aumentar em 60% seu subsídios, antes de aprovar o salário mínimo. Estas pessoas não estão ouvindo as ruas”.